

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

RONALD DE CARVALHO

EPIGRAMMAS
IRONICOS E
SENTIMENTAES



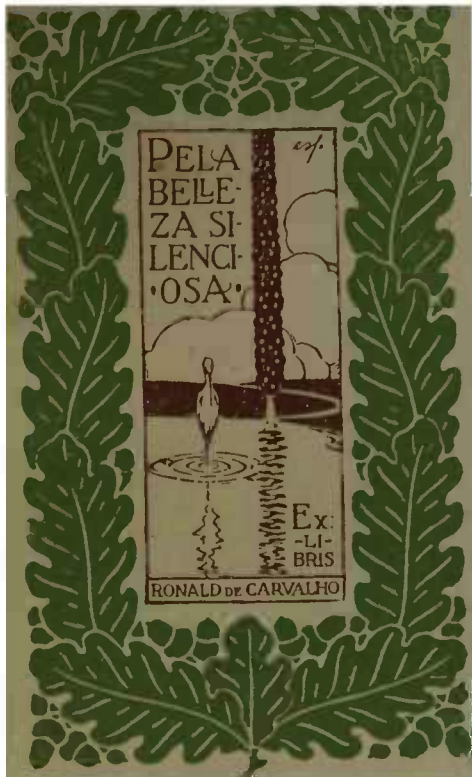
EDITORES

ANUARIO DO BRASIL — RIO DE JANEIRO

SEARA NOVA — LISBOA

RENASCENÇA PORTUGUESA — PORTO

Correios



PELA
BELE-
ZA SI-
LENCI-
OSA

esp.



EX-
LI-
BRIS

RONALD DE CARVALHO

DO AUTOR :

Luz Gloriosa (poema). 1913. Esgotado.

Poemas e Sonetos. 1919. (Obra premiada pela Academia de Letras).

Pequena Historia da Literatura Brasileira. 1.^a edição, 1919, 2.^a edição, 1922. (Premio Academia Brasileira).

Epigrammas Ironicos e Sentimentaes. 1922.

O Espelho de Ariel (Ensaio). 1922.

NO PRELO :

Sob a Vinha Florida.

EM PREPARO :

Jogos Pueris (poemas).



RONALD DE CARVALHO



EPIGRAMMAS

IRONICOS E

SENTIMENTAES



EDITORES

ANUARIO DO BRASIL — RIO DE JANEIRO

SEARA NOVA — LISBOA

RENASCENÇA PORTUGUESA — PORTO





I

INSCRIPÇÃO



ASCI junto ao mar, Estrangeiro !
entre palmeiras e montanhas,
debaixo de um céu claro, puro, luminoso.

Viram meus olhos as cousas mais bellas que ha no mundo :
as mulheres, as ondas e as arvores do meu paiz natal !

Põe na estela de um poeta amavel e melancolico
a coroa de louros que trazes na mão.

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

**Guarda a tua offerenda!
A vida me sorriu...**





II

CANÇÃO DA VIDA QUOTIDIANA



SOL brilha nas pedras da rua pobre e pequena,
entre as pedras da rua humilde o matto cresce.
De uma janela aberta vem uma voz dolente,
uma voz sem timbre, uma voz de lagrimas ignoradas...

Ó sol queima as couves dos quintaes desertos.

Vibra na luz o olho metallico de uma poça d'agua.

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

(Rua pobre e pequenina, onde o matto cresce,
rua monotona como o céo azul,
rua monotona como a noite cheia de estrellas,
rua dos muros caiados e dos jardins sem flores,
rua dos prégões melancolicos e inuteis,
rua da vida quotidiana...)





III

NOCTURNO SENTIMENTAL



LUA sobe na alameda.

Sons d'agua, entre-tons de penumbra, luxo
de folhagens de perola e de seda.

A lua sobe na alameda,

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

uma lua vulgar, humoristica, fria...

**Chora na sombra de um jardim tranquillo
a melancolica ironia de um repuxo...**





IV

CLARA D'ELLÉBEUSE



ENDO-TE, assim, sob o chapéo de palha enfeitado de cerejas,
o regador na mão, as mangas arregaçadas,
toda cheia de graça e de sol no pomar tropical;

vendo-te, assim, entre arvores carregadas
de frutas coloridas, regando as rosas do rosal,
lembrei-me da tua irmã Clara d'Ellébeuse,
filha do paiz de Francis James;

lembrei-me de Clara d'Ellébeuse, da sua pelle de maçã madura,
do seu chapéo de palha enfeitado de cerejas,

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

do seu pequeno regador, das rosas vermelhas de Orthez
e dos burrinhos pelludos do paiz de Francis James.





V

RUBAYAT



ÃO perguntas quem encheu a tua taça,
 nem quem floriu o teu jardim de rosas,
 nem quem poz agua nas tuas fontes,
nem quem vestiu de arvores os montes,
nem quem fez as horas doces ou dolorosas !

Vive, irmão !
Vive, que a vida passa...

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

**Canta !
que a terra é fria e silenciosa.**





VI

ECLOGA TROPICAL



NTRE a chuva de ouro das carambolas
e o velludo polido das jaboticabas,
sobre o gramado morno,
onde voam borboletas e besouros,
sobre o gramado lustroso
onde pulam gafanhotos de asas verdes e vermelhas,

Salta uma ronda de crianças !

O ar é todo perfume,

perfume tepido de hervas, raizes e folhagens.

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

O ar cheira a mel de abelhas...

E ha nos olhos castanhos das crianças
a doçura e o travor das resinas selvagens,
e ha nas suas vozes agudas e dissonantes
um aereo rumor de flautas, de trilos, de zumbidos
e de aguas buliçosas..





VII

PROVERBIO



MA os teus inimigos,
os que beberam agua no teu copo,
os que partiram o pão na tua mesa,
os que te apertaram contra o coração,
os que morderam, sorrindo, a tua mão.

Ama nos teus inimigos,
como um simples espectador,

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

indiferente ao bem e ao mal,
a perfeição da harmonia universal !





VIII

GRAVADO NUMA ESTELA



**PHEMERO, a vida é bella!
Irmão, eu fui feliz...**

**Foi minha
a agua das fontes virginaes,
foi minha
a uva de ouro da vinha,
foi meu o pão cheiroso dos trigaes.**

Eu sorri nas manhãs primaveris!

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

Ephemero, a vida é bella !

**Vê como, sob o céu azul do meu paiz,
é luminosa, leve, a pedra desta estela...**





IX

INTERIOR



OETA dos tropicos, tua sala de jantar
é simples e modesta como um tranquillo pomar ;

no aquareo transparente, cheio de agua limosa,
nadam peixes vermelhos, dourados e cor de rosa ;

entra pelas verdes venezianas uma poeira luminosa,
uma poeira de sol, tremula e silenciosa,

uma poeira de luz que augmenta a solidão.

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

Abre a tua janela de par em par. Lá fóra, sob o céu do verão,
todas as arvores estão cantando ! Cada folha
é um passaro, cada folha é uma cigarra, cada folha
é um som...

O ar das chacaras cheira a capim melado,
e hervas pisadas, á baunilha, a mato quente e abafado.

Poeta dos tropicos,
dá-me no teu copo de vidro colorido um gole d'agua.
(Como é linda a paisagem no cristal de um copo d'agua!)





X

ELEGIA



A dourada manhã dominical, macia,
dobram os sinos da matriz de S. João,
dobram os sinos para a missa, na alegria
da dourada manhã dominical, macia...

(Por que não nasci eu um poeta lirico?)

No azul do céu cheio de nuvens pequeninas
as andorinhas vêm e vão.

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

Um riso de menina paira no ar,
paira no ar da manhã dominical.

Dobram os sinos da matriz de S. João...

(Por que não nasci eu um poeta lirico ?)

Na dourada manhã...





XI

MADRIGAL



EU caro, meu bom La Fontaine, obrigado,
obrigado por tuas fabulas, mau grado
todas as sabbatinas que soffri.
Os contos de Perrault não são mais bellos
que as tuas fábulas subtis.

Ah! mundos deliciosos, feiticeiros,
de homens ingenuos, de rãs, ainda modestas,
de raposas quasi honestas,
de lobos que matavam só para comer !

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

**Meu doce La Fontaine,
dize ! quero saber
onde estão os teus cordeiros.**

Ensina-me onde estão os teus cordeiros...





XII

ESTE PERFUME...



ESTE perfume de lírios e framboesas é toda a infância!
(murmuram os riachos em que entramos os pés descalços
as mãos avidas em busca das lagostas cor de limo,
voam as borboletas azues, zinem as cigarras, zumbem os besouros !

Este perfume...

(Gemem os bambuaes, sôa a busina dos tropeiros,
espalha-se no ar o cheiro das tangerinas e dos cambucás;
passam caçadores com enfiadas de passarinhos...

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

Como brilham teus olhos de cobiça,
teus olhos como brilham novamente !)

Este perfume...

(não tocas mais os minuetos de Mozart...
dize : quem apanha agora as lagostas cor de limo,
quem apanha as borboletas azues ?...)

Este perfume de lirios e framboesas...





XIII

ODE



QUANTO nos altos ramos
a cigarra ainda rechina,
emquanto ha sol de verão
pelo caminho,

vamos,
Escansão !

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

a hora é divina,
enche meu copo de vinho...





XIV

BUCOLICA



MANHÃ parece que nasceu do teu riso,
do teu riso de passaro ou de fonte.

Vibram na tua voz trilos d'agua fresca,
d'agua que escorre por entre avencas e samambaias.

E as tuas mãos são duas borboletas brancas

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

voando sobre papoulas e tinhorões,
voando na luz da manhã...





XV

MUSICA DE CAMARA



M pingo d'agua escorre na vidraça.

Rapida, uma andorinha cruza no ar.

Uma folha perdida esvoaça,
esvoaça...

A chuva cáe devagar...





XVI

GAUDEAMUS IGITUR



CONTENTA-TE com ser uma apparencia, irmão !
simple capricho da illusão universal.
Não digas, tem pudor, que tudo é vaidade,
nem que tudo é vão...

Tudo é perfeito na alegria universal!
Não implores á vida: anda mais devagar...

E já que, na verdade,

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

nada mais és que pó ephemero do chão,
fumo finissimo do ar,

como a fumaça e o pó, gira no turbilhão,

voa e revoa, sem parar, no turbilhão!





XVII

NOITE DE JUNHO



LUAR macio, macio como um beijo,
brilha nas águas, estremece nas folhagens...

Ha grandes rosas lívidas na sombra,
lívidas como as tuas mãos na sombra.

Longe,
tremula um clarão de fogueiras,
longe...

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

O vento da noite balança as folhagens,
desfolha os jasmims, brinca nas trepadeiras.

Noite de Junho...
Ha vozes brandas ecoando,
longe

O anel que tu me deste
era de vidro e se quebrou...

(Noite de Junho, rondas de antigamente...)

o amor que tu me tinhas
era pouco e se acabou.





XVIII

PERVERSIDADE



E teu amigo atraiçoar-te um dia,
envenenar-te o vinho, a agua e o pão,

sorri com melancolia...

Ainda tens puro o coração.





XIX

JANEIRO



SOMBRA debaixo das arvores é quente,
ha um desejo de agua nas folhagens,
nas folhagens paradas...

A terra é morna como o corpo de um passaro,
como o corpo de um passaro sob a plumagem lustrosa.

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

•

Entre a chuva de ouro de uma acacia
zine longa, longamente uma cigarra...





XX

VENTO NOCTURNO



OLUPIA do vento nocturno,
do vento que vem das montanhas e das ondas,
do vento que espalha no espaço o cheiro das resinas,
a exalação da maresia e do mato virgem,
das mangas maduras, das magnolias e das laranjas,
dos lírios do brejo e das praias húmidas.

Volúpia do vento nocturno nas noites tropicaes,
quando o brilho das estrellas é fixo, duro,
quando sobe da terra um halito quente, abafado,

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

e a folhagem lustrosa lembra o aço polido.
Volupia do vento morno do verão,
carregado de odores excitantes,~
como um corpo de mulher adolescente,
de mulher que espera o momento do amor...

Volupia do vento nocturno em minha terra natal!





XXI

EPIGRAMMA



OBRE uma rosa aberta um besouro vem e vai...

O vento chega. O besouro foge.

E, folha a folha,
a rosa se desfolha,
e cáe...

[49]





XXII

VERÃO



ORPOR, monotonia, desalento!

As folhas de metal vibram na claridade;
o ar morno dos caminhos entontece...

Céu azul!

Brilhos de mica, scintillações de esmalte,
aroma de resinas...

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

Crepitações, zumbidos, trilos surdos.

Lassidão !





XXIII

A DANSA DAS FOLHAS



OMO a chuva é subtil, sem eloquencia, calma,
discreta, fina, cheia de pudor !
Como a chuva é mansa,
como a chuva é alma...

Ao longo dos caminhos, rodopia, dança
um punhado de folhas, sem rumor...





XXIV

PHILOSOPHIA



**REALIDADE é apenas
um milagre da nossa fantasia...**

**Transforma numa Eternidade
o teu rapido instante de alegria!
Ama, chora, sorri... e dormirás sem penas,
porque foi bella a tua realidade...**





XXV

SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO



OUCA mariposa bate na vidraça.

Vem da noite enorme,
Vem da noite morna cheia de perfumes.

Fóra, tudo dorme...

Que silencio enorme!

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

Rondam pelas moitas leves vagalumes.

Louca mariposa bate na vidraça.

Como as horas fogem, como a vida passa...





XXVI

EPIGRAMMA



**ENCHE o teu copo, bebe o teu vinho,
enquanto a taça não cáe das tuas mãos...**

**Ha salteadores amaveis pelo teu caminho.
Repara como é doce o teu vizinho,
repara como é suave o olhar do teu vizinho,**

e como são longas, discretas, as suas mãos...





XXVII

PER AMICA SILENTIA LUNA...



OCE malicia do silencio
quando apenas se ouve, aerea, fina,
a voz das folhas humidas na noite,
quando apenas se escuta a voz das aguas,
a voz das aguas cristalina,
o murmurio das aguas entre relvas.

Doce malicia do silencio,
quando o luar molha as plantas,
quando os olhos ficam rasos de lagrimas
e um triste sorriso paira no labio desdenhoso.

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

Doce malicia do silencio,
quando a gente olha a vida, face a face,
e sente o coração grave, pesado,
como um fruto morto, como um fruto inutil
que apodrece,
e cáe...





XXVIII

SABEDORIA



QUANTO disputam os doutores gravemente
sobre a natureza
do bem e do mal, do erro e da verdade,
do consciente e do inconsciente;
emquanto disputam os doutores subtilissimos,
aproveita o momento !

**Faze da tua realidade
uma obra de belleza.**

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

Só uma vez amadurece,
ephemero imprudente,
o cacho de uvas que o acaso te offerece...





XXIX

DOÇURA DA CHUVA



DOÇURA melancolica da chuva,
dos muros humidos, das ruas cheias de agua barrenta,
da atmosphera pesada, somnolenta,
doçura da chuva..

Doçura melancolica da chuva,
quando não ha cartas de amor para rasgar,
quando não ha rondeis nem balladas para rimar,
e a vida, parece, anda mais devagar!
doçura da chuva..

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

Doçura melancolica da chuva,
quando ficam rasos de agua os olhos dos homens liricos,
quando as pennas marcham ao compasso grave dos alexandrinos,
e jorram dos corações sonetos sentimentaes.

Melancolia ironica da chuva,
sob uma epigrapha bucolica de Sá de Miranda,
na redondilha dos madrigaes.

Monotonia da chuva indifferente, calma,
cahindo nos charcos, cahindo nos pantanos,

cahindo na alma...

Doçura melancolica da chuva !



XXX

THEORIA



RIA o teu rythmo a cada momento.

Rythmo grave ou limpido ou melancolico;
rythmo de flauta desenhando no ar imagens claras
de bosques, de aguas múrmuras, de pés ligeiros e de asas;
rythmo de harpas,
rythmo de bronzes,
rythmo de pedras,
rythmo de columnas severas ou risonhas,
rythmo de estatuas,

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

rythmo de montanhas,
rythmo de ondas,
rythmo de dor ou rythmo de alegria!
Não esgotes jámais a fonte da tua poesia,
enche a bilha de barro ou o cantaro de granito
com o sangue da tua carne e as vozes do teu espirito!
Cria o teu rythmo livremente,
como a natureza cria as arvores e as hervas rasteiras.

Cria o teu rythmo e criarás o mundo!





XXXI

HORA FUGACE



LLA passou por mim,
passou, na manhã tranquilla,
através das grades prateadas,
das altas grades do jardim.

Tão longe vai
a doce manhã tranquilla,
toda cheia de bolhas tremulas de orvalho,
de tinhorões vermelhos e grandes borboletas azues.

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

Tão longe...

Por que meu coração não quiz segui-la?

(Talvez fosse melhor assim...)





XXXII

JOGOS PUERIS



EIXA que te louvem ou que te accusem, deixa
rolar sobre ti o bem e o mal.

Somos maus sem querer, somos bons sem saber.

**Não mostres a ninguém o teu prazer,
não mostres a ninguém a tua queixa.**

Tudo são jogos da belleza universal...





XXXIII

ELOQUENCIA



OMO é suave o silencio, como é fina
discreta a sua deliciosa queixa...

Em vão
tentarás traduzil-o, amigo. Deixa
apenas, em surdina,
bater no silencio o coração...





XXXIV

VESPERAL



CÉO parece que adormece,
o céu profundo...

Paira no ar um longo beijo doloroso,
caricioso...

A tarde cáe.

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

A sombra desce sobre o mundo.

A sombra é um labio silencioso, silencioso...





XXXV

ESTHETICA



**EIXA o teu pensamento fecundar-se lentamente,
como no seio da terra a humilde semente.**

**Deixa-o, modesto e silencioso,
crescer como o fruto na arvore,
como o fruto no mais alto ramo da arvore!**

Não o exponhas ao primeiro curioso...

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

Lembra-te que, um dia, fatalmente,
como a flor que se desfolha á-tôa,
como o fruto que rola pelo chão,
ou a folha que vem e vai, voa e revoa,
para cair, cessado o turbilhão,
elle apodrecerá inutilmente,
esquecido no chão, no pó anonymo do chão...





XXXVI

LITERATURA



OMO são lindos os teus alexandrinos,
que lindos são, solemnes, elegantes..

«Sob o vivo clarão dos poentes purpurinos,
Passam, movendo a tromba, os tardos elephantes.»

São perfeitos os teus alexandrinos!

Mas como têm mais graça as asas dessa abelha,

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

ou essa fulvida scentelha
que turbilhona sem parar!
Como são muito mais interessantes
que aquelles negros, inuteis elephantes,
esses pares de andorinhas que volteiam
em curvas longas, lentas pelo ar...

Poeta, que lindos são os teus alexandrinos
perfilados, solemnes, elegantes..

«Sob o vivo clarão dos poentes purpurinos,
Passam, movendo a tromba, os tardos elephantes...»



XXXVII

CHEIRO DE TERRA



A versos que são como um jardim depois da chuva:

deixam em nós a sensação da água cahindo,
cahindo em bolhas tremulas da ponta das folhas,

escorrendo da pelle macia das petalas,
pingando dos galhos lavados, gota a gota,
pingando no ar...

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

Versos que cheiram á terra molhada,

versos que são como um jardim depois da chuva...





XXXVIII

PEDAGOGIA



**INSINAR a viver ! Que fabula sem graça,
que ingenua semsaboria !**

**Pobre novello de fumaça,
onda que passa,
alma sem rumo,
rodopia,
rodopia . . .**





XXXIX

MONOTONIA DA TARDE TROPICAL



OS jardins do arrabalde os girasões dourados
abrem os cálices pesados para o poente.
Nos jardins solitarios desce a penumbra
suavemente,
desce a penumbra nos jardins calados.

Doçura do crepusculo,
Doçura das montanhas e das arvores silenciosas
no crepusculo...

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

Rola no ar morno um perfume acre de hervas queimadas,
um perfume voluptuoso de carne e de frutas acidas.

Sobre os jardins do arrabalde,
surge trémula, trémula,
a primeira estrella.





XL

AMAVEL EPITAPHIO



ÃO chores, nã, viajor. Sorri, viajor !

Nã vês os passaros nos ramos ?
Nã vês as rosas nos hastis ?

A vida é assim. Um minuto que dansamos,
um minuto, dois...

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

Depois...

Sorris, agora, sorris...





XLI

PUDOR



ÃO digas que a vida é boa nem que é má.
Pobre Ephemero, triste Ephemero dolente...

A vida não é boa nem é má,
a vida é indiferente...





XLII

PINGO D'AGUA



EU companheiro é falso, é duro teu irmão ?

Que importa !

O mundo é bello, é divina a doçura
da terra.

A luz do sol paira na altura !

Não caminhaste em vão...





XLIII

DOÇURA



OA e revoa
folha do outono,

sobe com o vento, rola no espaço, em vão!

A vida é boa.

E é longo o somno,

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

**muito longo o somno
que dormirás na sombra debaixo do chão...**





XLIV

CREPUSCULO



TARDE e o silencio...

Janelas fechadas,
vidraças coloridas
no crepusculo vermelho, perola e violeta.
Gritos roucos de busina,
apitos longinquos de fabricas,
murmurio de vozes,
aereo murmurio indeciso.

Os grilos começam a trilar.

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

Calaram-se as cigarras
nas arvores pesadas...

Outra vez
a tarde e o silencio...

Nas ruas compridas
dansa a poeira dourada do crepusculo.

Quando virás? Ainda voltarás?
Ah! ninguem sabe como é lindo o crepusculo
quando ha lagrimas nos olhos!

A tarde e o silencio...

Dansa a poeira nas ruas compridas.
A noite cae sobre as arvores pesadas...



XLV

VERDADE



VERDADE é talvez um momento feliz.

O teu momento mais feliz...





XLVI

INUTIL EPIGRAMMA



MA gota d'agua que se desvanece,
um pobre grão de poeira
que dança na luz, dança
e desaparece . . .
eis a vida !

Brilha um momento, pois, alma desilludida,
brilha um momento, enquanto o sol aquece !

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

Bolha de ar! dansa um minuto, dansa...

A vida é bella porque é passageira!





XLVII

SURDINA



CHUVA tranquilla, a chuva langue
os finos fios alonga no ar.

Ha vozes vagas pelo silencio,
rumor de tanques, soluços d'agua,
e folhas leves turbilhonando
na chuva calma, na chuva langue,

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

que alaga os longes trémula, trémula,
e os fios finos alonga no ar...





XLVIII

IMAGEM



**AMIGO é como o vinho mais velho do teu lar :
Serve-te com prudencia !**

Ergue o copo devagar...





XLIX

BERCEUSE



LUA espia pela janela.
que tarde fria,
que tarde bella !

Brilha no céu macio uma remota estrella...

Não trila nas folhagens nem um grilo,
nem um morcego rodopia no ar...

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

(Longe, na rua, um prégão annuncia
qualquer cousa vulgar.)

A lua sobe devagar

Melancolia . . .





L

CYNISMO



ULTIVA o teu jardim com humildade,
imita a hera discreta do muro.

E sorri sem malícia nem vaidade,
sorri, na tua simplicidade,
se disserem que lês os pensamentos de Epicuro...





LI

ARTE POETICA



LHA a vida, primeiro, longamente,
enternecidamente,
como quem a quer adivinhar...

Olha a vida, rindo ou chorando, frente a frente.

Deixa, depois, o coração falar.





I — Inscrição	9
II — Canção da vida quotidiana	11
III — Nocturno sentimental	13
IV — Clara d'Ellébeuse.	15
V — Rubayat	17
VI — Ecloga tropical.	19
VII — Proverbios	21
VIII — Gravado numa estela	23
IX — Interior	25
X — Elegia	27
XI — Madrigal	29
XII — Este perfume	31
XIII — Ode.	33
XIV — Bucolica	35
XV — Musica de camara	37
XVI — Gaudeamus igitur.	39
XVII — Noite de Junho	41
XVIII — Perversidade	43
XIX — Janeiro	45
XX — Vento nocturno	47
XXI — Epigramma	49
XXII — Verão	51
XXIII — A dansa das folhas	53
XXIV — Philosophia	55
XXV — Sonho de uma noite de verão . . .	57
XXVI — Epigramma	59
XXVII — Per amica silentia luna.	61

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

XXVIII — Sebedoria.	63
XXIX — Doçura da chuva.	65
XXX — Theoria	67
XXXI — Hora fugace.	69
XXXII — Jogos pueris.	71
XXXIII — Eloquencia	73
XXXIV — Vesperal	75
XXXV — Esthetica .	77
XXXVI — Literatura.	79
XXXVII — Cheiro de terra	81
XXXVIII — Pedagogia	83
XXXIX — Monotonia da tarde tropical.	85
XL — Amavel epitaphio .	87
XLI — Pudor	89
XLII — Pingo d'Agua	91
XLIII — Doçura.	93
XLIV — Crepusculo	95
XLV — Verdade	97
XLVI — Inutil epigramma .	99
XLVII — Surdina	101
XLVIII — Imagem	103
XLIX — Berceuse .	105
L — Cynismo	107
LI — Arte poetica.	109



TIRARAM-SE D'ESTE LIVRO,
COMPOSTO E IMPRESSO NA
TYPOGRAPHIA DO ANNUA-
RIO DO BRASIL, EM PAPEL
DE LINHO DO PRADO, SEIS-
CENTOS EXEMPLARES, NU-
MERADOS DE 1 A 600, E
100 FORA DO MERCADO.

Nº. 121









BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).